

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Letras e números na gestão escolar

 *Vitória Régia de Oliveira Pires**
*Rosevaldo Pessoa-Queiroz***

Resumo: Este relato aborda a experiência de um projeto concebido, elaborado e executado de modo coletivo e participativo, tendo como objetivo central a conscientização do valor da leitura e da produção textual. Para que o objetivo fosse alcançado, todos os profissionais e parceiros que atuavam na escola, os estudantes e seus responsáveis foram envolvidos. Os números produzidos pela escola no que tange à aprovação, retenção e evasão, bem como as notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foram amplamente discutidos durante as coordenações coletivas, que se tornaram espaços de efetiva formação para os professores. Em síntese, as ações foram: (1) identificação das necessidades de aprendizagens com base nos resultados da escola e do IDEB; (2) sensibilização da comunidade escolar; (3) campanha para aquisição de livros; (4) organização das caixas de livros; (5) leitura em sala de aula; (6) elaboração de avaliações multidisciplinares; (7) organização do dia D da escrita; (8) questionário de avaliação. Houve um aumento do IDEB da escola acima do que vinha sendo observado, o que sugere o benefício da integração da leitura e da escrita autoral à rotina escolar.

Palavras-chave: Leitura. Escrita autoral. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Projeto Político-Pedagógico.

*Vitória Régia de Oliveira Pires é licenciada em Letras - Português e respectivas Literaturas pelo UniCEUB (1986) e em Pedagogia pela UCB (1989); especialista em Língua Portuguesa pelo UniCEUB (1993), em Gestão Empresarial (2009) e em Gestão de Recursos Humanos (2010), ambas pela Escola de Administração e Negócios/MBA e em Letramento e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais - Mediadores de leitura pela UnB (2015); mestranda em Psicologia e Educação pelo Centro de Ensino Universitário de Brasília (UniCEUB). Servidora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: vickregia2603@yahoo.com.br.
**Rosevaldo Pessoa-Queiroz é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Brasília (2000), especialista em Letramentos e práticas interdisciplinares nos anos finais (2015) pela Universidade de Brasília, mestre em Biologia Animal (2003) e doutor em Ecologia (2008). Servidor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: rosevaldo.queiroz@gmail.com

Introdução

A vida funcional de um professor pode ter uma brilhante trajetória no chão da sala de aula, mas para que tudo transcorra bem é fundamental que haja uma gestão comprometida com o ofício dos ofícios: a Educação. Funções de Coordenação Pedagógica, Supervisão e Direção, além de indispensáveis, são oportunidades de desafio, crescimento e superação. Muito mais que garantir condições favoráveis ao processo de ensino e de aprendizagem, quem está à frente da escola deve esforçar-se para que toda a comunidade escolar desenvolva seu potencial plenamente.

Este relato de experiência reporta-se ao ano letivo de 2015, no Centro de Ensino Fundamental 12 de Ceilândia – CEF 12. A escola, inaugurada em 08 de novembro de 1978, pelo então Governador Aimé Lamaison, foi identificada como Escola Classe 14 de Ceilândia, mas a população a chamava, carinhosamente, de Escola Classe Raio de Sol.

Ao longo desses quase 40 anos de existência, em resposta às novas demandas educacionais, a escola passou por mudanças, adaptando-se às necessidades da comunidade local e hoje consolida-se como um espaço de formação.

Os pais ou responsáveis têm a expectativa de que, ao matricularem seus filhos nesta Unidade Escolar, estarão oferecendo a eles a oportunidade de aprender e de conviver em um ambiente ético e inclusivo, que contribuirá para sua formação integral. Já os estudantes, razão primeira do existir da escola, têm a expectativa de conhecer novas pessoas, conquistar amigos, estudar e adquirir conhecimentos, incluindo a ludicidade, que farão a diferença em suas vidas.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas deveria trazer práticas pedagógicas de fomento à leitura e à escrita, essencialmente na Educação Básica. Na (re)construção do PPP, a comunidade escolar deveria listar como prioridade educacional as ações que envolvem a leitura e a escrita. O papel de gestores cômicos nesse contexto é essencial, já que seus argumentos, teoricamente embasados, podem unir todos em torno de objetivos comuns: ler e escrever!

Um dos grandes desafios perceptíveis no ambiente escolar, na atualidade, é despertar o interesse dos estudantes pela leitura. O livro, seja um exemplar físico ou digital, tem deixado de ser um objeto de desejo para muitas crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos. O livro chega a ser, para alguns, um objeto estranho.

Quando a criança nasce, a primeira leitura que ela aprende a fazer é ler sua mãe, seu pai, o ambiente onde está inserida. Ela lê, não decifra signos. Lê os sentimentos, as emoções, o tom da voz, os ruídos à sua volta, o cheiro. Segundo o emérito educador Paulo Freire (1989), a leitura do mundo vem sempre antes da leitura da palavra. E nesse ler a vida, a criança cresce e se desenvolve. Chega, enfim, o momento de ir para a escola e aprender a ler as letras para continuar lendo o mundo para além das palavras.

O encantamento inicial com o mundo letrado tende a seguir dois caminhos: o da valorização ou o da indiferença. Qual caminho seguirá o estudante? Vai depender, e muito, de como será conduzido, estimulado e orientado por seus mais diferentes professores. Segundo Bortoni-Ricardo et al. (2010, p.52), “o

indivíduo letrado deve não apenas aprender a ler e a escrever, mas também apropriar-se da escrita, usar socialmente a leitura e a escrita para responder às demandas sociais”.

Em sua vida escolar, o estudante terá contato obrigatório com a leitura e a escrita. Que valor creditará à leitura? Como perceberá a importância da leitura para sua vida estudantil, pessoal e, no momento adequado, profissional? Como será sua autonomia para escrever? Terá segurança, conhecimento, facilidade ou esquivar-se-á? Independentemente do que aconteça, a leitura e a escrita passarão toda a vida estudantil.

A leitura possibilita a aquisição da maior parte dos conhecimentos acumulados pela humanidade e suscita nos seus praticantes as mais diferentes emoções. Por meio dela, desenvolve-se a imaginação e o raciocínio crítico. É a chave que permite a quem a pratica entrar em contato com outros cenários, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação.

A leitura é tão importante que incentivá-la é compromisso a ser assumido por todos os componentes curriculares, nos diferentes segmentos escolares e por todos os que atuam no ambiente escolar. Se assim o fosse, a quantidade de estudantes egressos da Educação Básica sem fluência na leitura e na escrita, provavelmente, seria menor.

O acompanhamento da prática pedagógica pela equipe gestora é basilar. Ofertar atividades escolares que desenvolvam a autonomia do estudante contribuirão para que ele se torne protagonista do próprio saber, apropriando-se, pela leitura, dos diferentes conhecimentos culturalmente construídos. A equipe técnico-docente deve incentivar e supervisionar essas ações.

A percepção equivocada do que é ler e do que é e para que serve o escrever é comum em escolas onde o hábito de ler e escrever não faz parte da rotina. Nessas escolas, a escrita criativa é secundária em diferentes momentos, ocupando a transcrição o primeiro lugar.

O estudante que não lê tem dificuldades para se posicionar com clareza de intenções diante de situações impostas pelo convívio em grupo. A ele faz falta a argumentação lógica que só o pensar e o refletir podem suscitar.

O leitor crítico vai além da compreensão do texto. Ele consegue ler nas entrelinhas e estabelecer relação entre o que foi lido e o contexto, por isso é importante que as leituras selecionadas pelos professores possibilitem a ampliação do conhecimento da realidade.

O dia a dia da sala de aula é uma fonte inesgotável de possibilidades de leituras, de escritas, de compreensão de que é possível ser ético e cortês na relação ensinar/aprender.

Evidentemente, não posso levar meus dias como professor a perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (FREIRE, 1996, p. 97).

O professor, para ter estudantes com hábitos de leitura e

bom desempenho na escrita autoral, necessita reconhecer a importância de ambas no desenvolvimento pedagógico dos estudantes e na sua própria formação continuada. Se o professor não for um leitor contumaz, terá ele condições de motivar seus estudantes para que se tornem bons leitores, leitores independentes, com segurança para a escrita de textos autorais? Garcez (2012, p. xiii) diz: “Sempre acreditei que, para ensinar a escrever, era necessário viver intensamente o desafio da minha própria escrita”. Pode-se afirmar o mesmo com relação à leitura: quem não gosta de ler não convencerá o estudante a ler. Leitura compulsória não será cumprida nem por imposição.

Ensinar e aprender não são faces da mesma moeda, porque o estudante não aprende com quem ensina, mas com quem aprende. Se o professor é um eterno aprendiz, um pesquisador, o estudante perceberá isso e saberá, mesmo que intuitivamente, que para seu professor estudar e aprender são ações essenciais à formação.

O mundo virtual que permeia todos os ambientes sociais tem sido apontado como culpado pela falta de vontade de ler de crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos. Será essa uma verdade inquestionável? Será que o livro adequado à faixa etária dos estudantes, com temas que despertem neles o interesse e a vontade de ler foram oferecidos? E a possibilidade de ler livremente, sem cobranças, existe? A leitura pode ser em um e-book e a escrita no Word?

Metodologia

O presente relato discorre sobre um projeto que foi desenvolvido durante o ano letivo de 2015, no CEF 12 de Ceilândia que, naquele ano, atendia a cerca de 1100 estudantes do 6º ano, distribuídos em 29 turmas e dois turnos.

Apesar do ininterrupto trabalho pedagógico oferecido à comunidade escolar, as práticas do CEF 12 em relação à sistematização da leitura e da escrita não atendiam plenamente ao que preconizava *O Currículo em Movimento da Educação Básica – Ensino Fundamental Anos Finais* (BRASÍLIA, 2010), em vigência à época. Com o propósito de dar ao termo ensinar um significado muito maior que apenas ministrar aulas, todo o corpo docente da escola foi reunido e convidado a realizar um trabalho de base.

Tendo em mente que o trabalho no âmbito da Gestão Democrática vai muito além de apenas gerir os recursos financeiros de uma unidade escolar, a equipe gestora abriu o ano letivo de 2015 com a perspectiva de rever as práticas pedagógicas. Como todas as ações desenvolvidas na escola devem ser legitimadas pela equipe técnico-docente e percebidas como valiosas pelo corpo discente, os três últimos resultados e metas do IDEB foram a base para a reflexão e para o planejamento das ações a serem implementadas na escola.

A importância, os parâmetros e o porquê da instituição do IDEB foram apresentados. A seguir, os números que a escola havia produzido nos últimos três anos entre aprovados direto, após avaliação final, em Conselho de Classe, com dependência, retidos e taxa de evasão escolar foram discutidos.

Depois desta reflexão, seguiu-se um momento de sensibilização, em um ambiente preparado para tal fim. Uma sala com varais, onde jornais e revistas foram pendurados, pilhas

de livros no chão, em mesas, provas e exercícios para todos os lados, projeção de um texto numa parede, música ambiente e uma dramatização. Todos os profissionais que atuam na escola participaram, incluindo os terceirizados da limpeza e conservação, da cocção de alimentos, da segurança e os que trabalhavam na cantina particular. Todos participaram desse grande momento. Afinal, como diz um provérbio africano: “É necessário uma tribo inteira para educar uma única criança”.

Durante as coordenações seguintes houve a construção conjunta de um projeto com um forte viés para a leitura e produção escrita, a fim de concretizar a importante tarefa de oferecer ao estudante aulas significativas, contextualizadas e que lhe possibilitassem se sentir parte integrante e ativa do ambiente escolar. Desse desejo surgiu o projeto *Ler & Escrever: ação de todos – trabalhando o estudante, formando o professor*.

Uma das ações centrais do projeto seria a aquisição de livros paradidáticos. Como leitura e escrita não são atribuições exclusivas do professor de língua portuguesa, todos os docentes participaram da seleção de títulos para cada turma, considerando o foco de interesse, a faixa etária, a temática etc.

Paralelamente à movimentação na escola, a coordenadora pedagógica, Marlene Nascimento, sugeriu parcerias externas para a aquisição dos livros. Ela mobilizou seus familiares e, por meio deles, apresentou a proposta ao Diretor Regional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) que abraçou a empreitada. A ECT entraria como Amigo da Escola e seria feita uma campanha para arrecadação de livros em todas as agências do DF.

Como o eixo temático era leitura e escrita, a equipe técnico-docente optou pela elaboração de provas bimestrais multidisciplinares e temáticas. Cada bimestre letivo teve um tema gerador, que se remetia ao tema central.

Em meados do 2º bimestre, houve uma coordenação por área, com os professores de Língua Portuguesa, para refletir acerca da produção autoral de texto e da correção com orientações para reescrita. Esta não era uma prática comum, mas tudo indicava sua necessidade.

Ao final do ano letivo, foi aplicado um questionário aos estudantes e professores visando colher subsídios que referenciassem, rechaçassem ou sugerissem novas estratégias para a continuidade do projeto.

Resultados e Discussão

A reflexão do significado do IDEB e da participação de cada um nos resultados consolidados produziu muitos questionamentos no sentido de saber o que poderia ter sido feito para potencializar as habilidades e mitigar as fragilidades. Entre as possíveis justificativas do fracasso escolar, a dificuldade na interpretação de textos e na elaboração de respostas por parte dos estudantes foi unânime. As discussões apontaram para a necessidade de refletir a prática docente também. Afinal, comandos de questões mal elaborados, dúbios ou incompletos podem prejudicar sua interpretação, interferindo diretamente na identificação da resposta correta.

Como fruto deste movimento, houve momentos de estudo nas coordenações coletivas para uma leitura analítica e compreensiva de todo o texto do *Currículo em Movimento*. O

professor só seria capaz de transportá-lo de forma adequada para a sala de aula depois que se apropriasse do seu teor pela leitura.

A campanha de doação de livros em parceria com a ECT foi um grande sucesso! Houve uma bela recepção no dia em que a diretoria da ECT esteve na escola para entregar os livros doados. A campanha estendeu-se aos professores e seus familiares. As doações foram registradas, sempre num clima de festa, alegria e gratidão. Por fim, um trabalho de sensibilização foi realizado com os estudantes e seus pais que custearam, de forma totalmente voluntária, a aquisição dos demais livros.

Os livros foram adquiridos. A cada remessa que chegava à escola, os estudantes iam à sala de coordenação para ver qual era o livro: queriam pegar, ler o título, folhear. Todos os títulos, doados ou comprados, foram catalogados e colocados em 29 caixas, uma para cada turma, ficando sob a responsabilidade do professor-conselheiro. Este foi orientado para que trabalhasse com a caixa de livros em todas as suas turmas. A ideia era que cada caixa pudesse ser lida por todas as turmas. Por exemplo, a caixa da professora de Arte ou da de Inglês, que atendiam a todas as turmas do turno, poderia ser levada para as 15 turmas onde as professoras ministravam aulas, oportunizando o acesso dos estudantes a diferentes títulos.

No dia do lançamento oficial do *Projeto Ler & Escrever*, os responsáveis pelos estudantes foram convidados. Trechos de diferentes livros foram expostos nos murais para recepcioná-los. As caixas de livros foram estrategicamente colocadas na sala de vídeo. Todos foram convidados a ir até lá conhecer o resultado concreto do sonho com eles partilhado. Buscando garantir a viabilidade do projeto nos próximos anos, solicitou-se autorização dos pais, mães ou responsáveis para que, ao término do ano letivo, as obras pudessem ser incorporadas ao acervo da sala de leitura do CEF 12. Todos receberam um documento detalhando a proposta que, caso concordassem, assinariam e devolveriam. Aproximadamente, 90% dos pais apoiaram a iniciativa.

O início da execução do projeto nas salas foi marcado por uma sensibilização por meio de cartazes espalhados pela escola com os dez direitos do leitor, baseados na obra *Como um Romance*, de Daniel Pennac (1998): 1º - O direito de não ler; 2º - O direito de saltar páginas; 3º - O direito de não terminar um livro; 4º - O direito de reler; 5º - O direito de ler não importa o quê; 6º - O direito ao "bovarismo" (doença textualmente transmissível); 7º - O direito de ler em qualquer lugar; 8º - O direito de ler uma frase aqui, outra ali; 9º - O direito de ler em voz alta; 10º - O direito de calar.

Esse material, certamente, desconstruiu a imagem equivocada de um leitor ideal, padrão. Empoderados por estes direitos, todos os letrados poderiam ler como quisessem, resgatando a liberdade de escolher o que ler e de como exprimir ou não aquilo que foi lido. Parece fora do contexto da educação no seu sentido formal, tradicional e cartesiano, mas uma leitura livre, sem cobrança, apenas a leitura pela leitura, se é possível assim se conceber, é muito mais produtiva do que se pode imaginar. A leitura, muitas vezes vista como um grillão, é, na verdade, uma chave que abre almas e, mais que isso, abre portas, interfere no destino. Dentre os muitos projetos realizados no CEF 12, poucos tiveram tanto envolvimento de todos os segmentos da escola como o *Ler & Escrever: ação de todos – trabalhando o estudante, formando o professor*.

A falta do bom hábito da leitura pode ser reforçada pelos mais variados motivos. Lamentavelmente, a maioria das escolas não conta com instalações adequadas para o funcionamento de uma biblioteca, tendo apenas uma sala de leitura. Por razões óbvias de logística, a possibilidade de os estudantes frequentarem a sala de leitura era restrita. O fato de o professor levar uma caixa de livros com títulos variados para a sala de aula tem desdobramentos práticos e simbólicos, pois os livros vêm ao encontro do estudante. Esse gesto simples de levar livros é o primeiro passo dado por quem é consciente da importância do ato de ler. O comprometimento do professor conseguiu contornar a limitação física da escola, fazendo de cada sala de aula um ambiente de leitura.

Essa organização permitiu que o estudante pudesse ler várias obras concomitantemente. Houve ocasiões em que estudantes pediram, insistentemente, ao professor para que os deixassem levar o livro para casa, para acabar de ler no final de semana, pedido atendido e comemorado por toda a equipe. Nada como um incentivo constante para aguçar o gosto pela leitura, potencializado pelos diferentes títulos e temas disponibilizados.

A leitura era realizada em dias e horários intercambiáveis para não comprometer o andamento dos conteúdos das disciplinas, especialmente as de menor carga horária. Todos os estudantes tinham um horário semanal dedicado à leitura das obras selecionadas.

A elaboração conjunta das provas multidisciplinares envolveu muito esforço de cada profissional, no sentido de entender o que os demais colegas desejavam que o estudante demonstrasse. Esse exercício resultou em uma maior clareza dos enunciados e dos objetivos das questões propostas. Houve muita troca de experiências. O estudante recebeu uma avaliação com maior grau de refinamento e coerência, muito mais contextualizada e condizente com as avaliações em larga escala como a Prova Brasil. Não saber das respostas corretas é menos grave que não entender o que está sendo perguntado.

As propostas para produção autoral de textos, adequadas ao ano escolar, o formulário para a escrita final e os critérios para correção foram apresentados ao grupo. Analisados os materiais, feitas as alterações sugeridas, partiu-se em busca do "de acordo" de todos. A aceitação da proposta pelos professores não foi algo fácil. Não só os professores de Língua Portuguesa, mas todos os das demais disciplinas foram consultados sobre a necessidade de se realizar essa experiência – a escola toda, ao mesmo tempo, produzindo textos – e sobre o papel de cada um deles, independentemente do componente curricular de atuação, no preparo dos estudantes para esse grande dia. Sem dúvidas, foi uma experiência única.

Aceito o desafio, definiram-se data e horários em que todos os estudantes e seus respectivos professores estariam envolvidos no desenvolvimento das produções de texto. Essa foi uma das ações do projeto interdisciplinar que mais impactou e alterou a rotina dos professores e dos estudantes. Os temas propostos eram todos voltados para a importância da leitura e os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar um momento ímpar na escola: todos concentrados lendo e escrevendo.

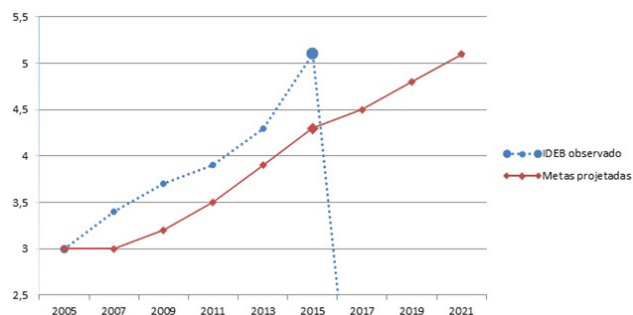
A mudança na rotina de avaliação de todas as turmas nos dois turnos criou uma atmosfera mais receptiva à leitura, à interpretação de textos e à elaboração de respostas. Como era uma ação generalizada, adotada como procedimento padrão, o estudante não tinha pressa para terminar a prova bimestral. Essa estratégia contribuiu para que o estudante aprendesse a realizar uma avaliação com a tranquilidade necessária. A Prova Brasil foi aplicada em novembro, dentro de um contexto com maior probabilidade de aferir resultados mais realísticos.

É quase impossível mapear ações e resultados com precisão em atividades multifatoriais como a educação. O Gráfico 1 apresenta a evolução da nota do IDEB do CEF 12 ao longo dos anos, bem como as projeções das metas a serem alcançadas.

A escola apresentava um crescimento médio de 0,325 pontos a cada nova avaliação. Não se pode garantir que o incremento do IDEB da Unidade Escolar em oito décimos é fruto do referido projeto. No entanto, por razões ainda mais robustas, levando-se em consideração o escopo do trabalho desenvolvido por todos, não se pode refutar a hipótese de que a execução do projeto e a seriedade com que foi conduzido pela equipe técnico-docente foram determinantes no alcance deste score. No contexto estadual, o Distrito Federal não apresentou crescimento na média. A escola ainda não chegou ao patamar mínimo da nota seis, é verdade, mas o processo revela-se mais importante que o resultado em si. Vale ressaltar que o projeto não visava a um aumento do IDEB, mas ao resgate do potencial dos estudantes que se perde em meio às reclamações e esquivas dos que deveriam ser mediadores. Se o estudante, efetivamente, progride no conhecimento, nos bons hábitos e atitudes, qualquer medida ou nota fica em segundo plano.

Os resultados positivos alcançados nos questionários sugeriram que Projeto *Ler & Escrever* fosse incluído no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, em vigência para o triênio 2014-2016. A equipe viu esse trabalho como uma das diversas formas de cumprir a missão, coletivamente construída. Cabe ressaltar a importância da apropriação do conteúdo do PPP pela comunidade escolar, pois não basta saber que ele existe, é preciso dar-lhe vida, caso contrário será mero cumprimento de burocracia, letra morta, estéril.

Gráfico 1. Evolução do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do Centro de Ensino Fundamental 12 de Ceilândia-DF ao longo dos anos



Fonte: INEP

Considerações Finais

Estar à frente de uma unidade escolar, integrando a equipe gestora, exige uma capacidade significativa de liderança, de articulação e de harmonização. A comunidade escolar tem expectativas e interesses múltiplos. Por isso, é preciso ter um norte, uma orientação. Quanto mais próximo da realidade da escola, mais poderoso é o PPP. A parceria com os pais ou responsáveis pelos estudantes é fundamental. Tê-los na escola, participantes, atuantes e cientes do que nela acontece minimiza conflitos, dissipa desconfiças, apoia o professor, ampara o estudante, dá vida à educação na sua acepção mais ampla. Esta experiência vivenciada na concepção, execução e acompanhamento de todas as etapas do Projeto *Ler & Escrever* foi, indubitavelmente, enriquecedora para todos.

O programa Bom Dia Brasil¹, exibido em 25/4/2018, apresentou uma projeção preocupante: “na próxima década, sete em cada dez estudantes concluintes do ensino médio não terão conhecimento básico em português”. Isso reforça que a implementação de um projeto de leitura e escrita é mais que recomendação. Replicar essa experiência é apenas uma questão de decisão.

Acreditar no potencial do estudante e experimentar novos projetos é o primeiro passo para oferecer educação pública e gratuita de qualidade para todos. Uma boa safra não resulta de uma receita mágica, tudo começa na confiança e na liberdade do semear. Este relato termina com o desejo de que a *leitura* seja a lei a ser implementada em todas as unidades escolares da SEEDF. ■

Notas

¹ Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/6688287/>, acesso em 25/4/2018.

Referências bibliográficas

- BRASÍLIA, Governo do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. GDF/SEEDF, 2010.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.; CASTANHEIRA, S. F. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- GARCEZ, Lucília H. D. C. **Técnica de Redação: o que é preciso saber para bem escrever**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins, 2012 (Coleção ferramentas).
- PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Tradução de Leny Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.